

EXPRESSO/ACTUAL – 15 de Maio de 2004

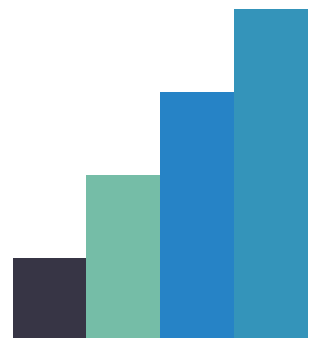
MULHER COM VÉU E PORTUGAL EM FUNDO

Mário Barroso adapta Rodrigues Miguéis e revela Ana Bandeira

Lisboa, 1917. Prostituta num bordel da capital, Salomé é uma das mais belas raparigas da casa, guardada pela patroa para clientes especiais. Por ali ronda um tenente do Exército, animoso, apaixonado e excessivo que a visiona em andor de santa e se revolta quando a sabe maculada em lençóis de só prazer. Também por lá passa um jovem deputado que, certo dia, aconselha o seu nome a um conhecido financeiro da praça - Sertório Cerqueira -, homem que viera de baixo e a quem a República dera as oportunidades de chegar a ter nas mãos os cordéis do poder na nova sociedade. Sertório apaixona-se por Salomé, não num arroubo fora de tempo e conveniência, mas na serena necessidade de uma companheira que lhe acalente o ocaso de vida que sente aproximar-se. Para a jovem rapariga é a oportunidade para sair do prostíbulo e se tomar confortavelmente respeitável. Mas, pouco a pouco, no palacete sumptuoso de Gregório Cerqueira, Salomé aborrece-se. E um dia sente a enorme vontade de voltar a ver a aldeia perdida pelas brenhas de onde veio. Sertório cede-lhe carro e motorista. Algures no meio dos matos sai do carro, entra pelos valados e encontra três miúdos que pastoreiam ovelhas e ao vê-la, deslumbrante no seu manto azul, mulher de uma beleza que nunca tinham suposto existir, os três pastorinhos ajoelham ...

Do que a seguir acontece não vamos fazer aqui o resumo - que um texto de jornal não pode servir para tirar aos espectadores o prazer de ir descobrindo um filme. E este é daqueles que merecem ser descobertos.

É bem possível que estejamos a assistir a um momento essencial na definição do estado das coisas do cinema português. **O Milagre Segundo Salomé** é um filme peculiar, filmado com o dinheiro atribuído às primeiras obras e pouco mais. Tudo, na empresa, a predispunha ao fracasso. Antes do mais a absoluta carência de dinheiro para fazer um grande fresco sobre Portugal de 1917; depois, a falta de experiência do cineasta em matéria de realização; por último as implicações polémicas (um dos aspectos do livro de Miguéis é a contestação à veracidade das aparições da Virgem Maria em Fátima), a menor das quais a sempiterna questão de um filme ser ou não fiel à obra de que parte (fidelidade impossível, pela dimensão do próprio romance). Se Mário Barroso fosse uma criatura timorata, teria escolhido para se iniciar uma obra pessoal e maneirinha, contemporânea, para evitar necessidades de guarda-roupa e adereços difíceis, para já não falar em problemas com as casas, os exteriores, os locais, enfim, que esta Lisboa devastada de que dispomos só figura bem o tempo presente. Mas deu-lhe a teimosia para aqui - bem firmado na noção de que um filme é uma vontade e a sua circunstância. Adaptou-se ao orçamento, mercê de uma preparação minuciosa e de uma competência revelada no momento de filmar. Eliminou cenas impossíveis e centrou-se no essencial - as personagens e os seus conflitos. Adaptou, sabendo que um filme não é um folhetim. E deu-nos uma fita admirável a vários títulos.



A reconstituição de época é sobriamente credível. As personagens são delineadas com um toque decadentista, adequadas na sua funcionalidade narrativa como na especificidade humana (a este respeito há que sublinhar a densidade de Cerqueira que um excelente Nicolau Breyner incarna). O tempo português de 1917, com as suas conjuras políticas apelando a uma marcial salvação da Pátria, a ruralidade boçal e obscurantista, as ideias revolucionárias em fervilhão, é traçado com concisão e eficiência. Descobre um grande rosto de atriz – Ana Bandeira – com a proporção necessária entre o angélico e o lascivo. E na passada confunde (quem dera que fosse de vez...) a equívoca divisão que pretende que só há dois redutos para o cinema português: o dos cineastas “comerciais” e o dos “autores”. Ao ver **O Milagre Segundo Salomé** ninguém pergunta por qualquer filiação – pela simples e chã razão de que o que ali está é muito bom cinema.

Jorge Leitão Ramos